

WRIGHT MILLS, Charles. “Ações situadas e vocabulários de motivos”. [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 15, n. 44, p. 10-20, agosto de 2016. ISSN: 1676-8965.

**ARTIGO**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## Ações situadas e vocabulários de motivos

*Charles Wright Mills*

Tradução de *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*

Recebido: 20.01.2016

Aceito: 10.04.2016

**Resumo:** O propósito deste artigo é delinear um modelo analítico para a explicação dos motivos, baseados em uma teoria sociológica da linguagem e em uma sociologia psicológica. **Palavras-chave:** análise sociológica, motivos, linguagem, comportamento social

A grande reorientação da teoria e observação recentes na sociologia da linguagem veio à tona com a derrubada da noção wundtiana de que a linguagem tem como função a ‘expressão’ de elementos prévios existentes no indivíduo<sup>1</sup>. O postulado subjacente ao moderno estudo da linguagem é simplesmente que nós devemos abordar o comportamento linguístico, não o referindo a estados particulares individual, mas, observando a sua função social de coordenação de diversas ações. Ao invés de expressar

algo que seja anterior e pessoal, a linguagem é tomada por outras pessoas como um indicador de futuras ações (WRIGHT MILLS, 1940).

Dentro dessa perspectiva, há sugestões que concernem a problemas de motivação. O propósito deste artigo é delinear um modelo analítico para a explicação dos motivos, baseados em uma teoria sociológica da linguagem e em uma sociologia psicológica (MEAD, 1909; MANNHEIM, 1940; WIESE & BECKER, 1932, parte I; DEWEY, 1917, p. 276).

Frente à concepção inferencial de motivos como ‘impulsionadores’ subjetivos de ação, os motivos podem ser considerados como típicos vocabulários com funções verificáveis em situações sociais delimitadas. Atores humanos vocalizam e imputam motivos para

---

<sup>1</sup>Este artigo originalmente intitulado “Situaded actions and vocabulaires of motives” foi reproduzido do *American Sociological Review*, v. 5, n. 6: 904-913, 1940, com a permissão da revista. Originalmente, foi elaborado para uma conferência para a *The Society for Social Research*, University of Chicago, pronunciada entre os dias 16-17 de agosto de 1940.

si mesmos e para os outros. Explicar o comportamento, por referência a um 'motivo' inferido e abstrato é uma coisa. Analisar os mecanismos linguísticos observáveis de imputação de motivo e revelar como eles funcionam na conduta é outra completamente diferente. Ao invés de elementos fixos 'em' um indivíduo, os motivos são os termos com os quais procede a interpretação de condutas por parte dos *atores sociais*. Esta imputação e revelação dos motivos por atores são fenômenos sociais a serem explicados. As diferentes razões que os homens dão para suas ações, não são elas mesmas sem razões.

Primeiro, devemos demarcar as condições gerais em que essa imputação de motivo e sua revelação parecem ocorrer<sup>2</sup>. Em seguida, temos de oferecer uma caracterização do motivo em termos denotáveis e um paradigma explicativo do porquê de certos motivos serem verbalizados em vez de outros. Então, indicaremos os mecanismos de ligação entre os vocabulários de motivos e os sistemas de ação. O que queremos, por fim, é uma análise das funções de integração, controle e especificação, que certo tipo de discurso cumpre em ações socialmente situadas.

A situação genérica em que a imputação e a revelação de motivos aparecem, envolve, em primeiro lugar, a conduta social ou os programas (declarados) de linguagem, ou seja, os programas e ações dirigidos com referência às ações e conversas dos outros; segundo, a confissão e a imputação dos motivos são concomitantes com a forma discursiva conhecida como a 'questão'.

---

<sup>2</sup>A importância desta tarefa inicial para a pesquisa é clara. A maioria das pesquisas sobre o plano verbal simplesmente fazem perguntas abstratas em relação a indivíduos, mas, se podemos tentativamente delimitar as situações em que determinados motivos *podem* ser verbalizados, podemos usar essa delimitação na construção de questões *situacionais*, e vamos testar deduções a nossa teoria.

Situações centradas em questões envolvem tipicamente programas ou ações *alternativas* ou *inesperadas* cujas fases analiticamente denotam 'crises'<sup>3</sup>. A questão é marcada na medida em que geralmente provoca outra ação *verbal*, e não uma resposta motora. A questão é um elemento na *conversa*. A conversa pode dizer respeito às características factuais de uma situação, como elas são vistas ou se acredita ser, ou pode procurar integrar e promover um conjunto de diversas ações sociais com referência à situação e ao seu padrão normativo das expectativas. É nesta última fase da conversa, de assentimento e dissonância, que o discurso e vocabulário persuasivo e dissuasivo emergem. No caso dos homens que vivem atos imediatos da experiência e têm as suas atenções dirigidas para fora de si, os seus atos, de alguma forma, se veem frustrados. É nesse momento que a consciência de si e os motivos ocorrem. A 'questão' é o índice lingual de tais condições. A revelação e a imputação de motivos são características de tais conversações, quando surgem situações de 'questionar'.

Os motivos são imputados ou declarados como respostas a perguntas, interrompendo atos ou programas. Os motivos são palavras. Genericamente, a que se referem? Elas não denotam quaisquer elementos 'em' indivíduos. Elas representam consequências situacionais antecipadas de condutas questionadas. A intenção ou propósito (indicados como um 'programa') é a consciência da consequência do que se previa; os motivos são os nomes atribuídos para situações consequenciais, e sucedâneos de ações que os conduzem. Atrás das perguntas se encontram possíveis ações alternativas com as suas consequências terminais.

---

<sup>3</sup>Sobre 'questão' e 'conversa' ver DeLaguna (1927, p. 37). Em relação aos motivos em crise, ver Williams (1920, p. 435).

Nossas palavras introspectivas por motivos são ásperas, são descrições grosseiras, são descrições taquigráficas de determinados padrões típicos de estímulos discrepantes e conflitantes<sup>4</sup>.

O modelo de conduta intencional associado com o nome de Dewey pode ser aqui brevemente indicado. Os indivíduos, quando confrontados com 'atos alternativos', executam um ou outro deles, com base nas consequências diferenciais que antecipam. Este esquema utilitário ao cru é inadequado por que: (a) os 'atos alternativos' de conduta *social* 'aparecem' na maioria das vezes em forma linguística, como uma pergunta, professada por um self ou por outro; (b) é mais adequado dizer que os indivíduos agem em termos de antecipação de consequências *instituídas*.

Entre tais nomes e em algumas linhas tecnologicamente orientadas de ação podem aparecer termos como 'útil', 'prático', 'reparado', etc., termos tão 'conclusivos' para os pragmatistas, e também para certos setores da população americana nestas situações delimitadas. No entanto, existem outras áreas da população com diferentes vocabulários de motivos. A escolha das linhas de ação é acompanhada por representações e seleção entre elas, a partir dos seus terminais situacionais. Os homens discernem situações com vocabulários específicos, e é em termos de algum vocabulário delimitado que eles antecipam as consequências de suas condutas<sup>5</sup>. Vocabulários estáveis de motivos vinculam consequências antecipadas e ações específicas. Não há necessidade de invocar termos 'psicológicos', como 'desejo' ou 'anseio' como explanatório, uma vez que eles próprios devem ser

explicados socialmente (DEWEY, 1939). A antecipação é uma nomeação subvocal ou evidente de fases terminais e / ou consequências sociais de conduta. Quando um indivíduo nomeia consequências, ele provoca o comportamento para os quais o nome é uma sugestão reintegradora. Em uma situação *societal*, implícita nos nomes, as consequências são as dimensões sociais dos motivos. Através desses vocabulários, vários tipos de controles sociais operaram. Além disso, os termos nos quais a pergunta é formulada muitas vezes contêm duas alternativas: 'amor ou dever?', 'negócios ou lazer?'. Institucionalmente, situações diferentes possuem diferentes *vocabulários de motivos* apropriados para os seus respectivos comportamentos.

Essa concepção sociológica de motivos como fases linguísticas relativamente estáveis de situações delimitadas é bastante coerente com o programa de Mead para se aproximar de condutas sociais a partir do exterior. Ele mantém claramente em mente que

ambos os motivos e ações muitas vezes se originam não de dentro, mas, a partir da situação em que os indivíduos se encontram... (MANNHEIM, 1940, p. 249).

Ele traduz a questão do 'por que'<sup>6</sup> para um 'como' que é responsável, em termos, de uma situação e do seu vocabulário típico de motivos, ou seja, àquelas que convencionalmente acompanham esse tipo de situação e funcionam como pistas e justificativas para as ações normativas no seu interior.

Foi apontado que a questão é geralmente um índice para a revelação e imputação de motivos. Max Weber (1922, p. 5) define motivo como um complexo de significados que aparecem

<sup>4</sup>Burke (1936, p. 45ss). Encontro-me em dívida com este livro por várias pistas nele sistematizadas e inspiradoras para este trabalho.

<sup>5</sup>Veja estes experimentos em Rexroad (1926, p. 458).

<sup>6</sup>Convencionalmente responsável por referência a "fatores subjetivos" individuais. Ver, MacIver, (1940; 1940a).

para o ator ou para o observador como um terreno adequado para as suas condutas<sup>7</sup>. O aspecto da motivação que essa concepção empunha é a do seu caráter intrinsecamente social. Um motivo satisfatório ou adequado é aquele que satisfaz os questionadores de um ato ou programa, seja ele de outro qualquer ou do próprio ator. Como uma palavra, *um motivo tende a ser, para um ator e para os outros membros de uma situação, uma resposta inquestionável às perguntas relacionadas às condutas social e linguística*. Um motivo estável é um ultimato em uma conversação justificadora. As palavras que em uma situação deste tipo cumprirão esta função se circunscrevem no vocabulário de motivos aceitos neste tipo de situação. Os motivos são aceitos como justificativas de programas ou ações passados, presentes ou futuros.

Denominá-los justificação *não* é negar a sua eficácia. Muitas vezes antecipações de justificativas aceitáveis irão controlar conduta. ("Se eu fizesse isso, o que eu poderia dizer? O que eles diriam?") As decisões podem ser, no todo ou em parte, delimitadas pelas respostas a tais pedidos.

Um homem pode começar uma ação por um motivo. No decurso do

---

<sup>7</sup>“Motiv‘ heisst ein Sinnzusammenhang, welcher dem Handelnden selbst dem Beobachtenden als sinnhafter Grund‘ eines Verhaltens in dem Grade heissen, als die Beziehung seiner Bestandteile von uns nach den durchschnittlichen Denk- und Gefühlsgewohnheiten als typischer (wir pflegen zu sagen: ‘richtigeer‘) Sinnzusammenhang bejaht wird“. [“Chamamos 'Motivo' a uma conexão de sentidos que aparece ao próprio ator ou observador como o 'fundamento' com significado de uma conduta. Dizemos para uma conduta que se desenvolva como um todo coerente que ela é ‘adequada pelo sentido’, na medida em que afirmamos que a relação entre os seus elementos constitui uma ‘conexão de sentidos típica’ (ou, como podemos dizer, ‘correta’) sob a base de hábitos mentais e emocionais médios”]. – Em alemão no original, versão para o português do tradutor.

mesmo, ele pode adotar um motivo acessório. Isso não significa que o segundo motivo de desculpas seja ineficaz. A expectativa vocalizada de um ato, a sua ‘razão’, não é apenas uma condição mediadora da ação, mas é uma condição próxima e de controle para o qual o termo ‘causa’ não é apropriado. Ela pode fortalecer a ação do ator. Pode, também, ganhar novos aliados para o seu ato.

Quando apelam para outros envolvidos na ação de alguém, os motivos são estratégias de ação. Em muitas ações sociais, os outros devem concordar, tácita ou explicitamente. Destarte, os atos muitas vezes serão abandonados se não for possível encontrar uma razão aceitável que os justifiquem perante os outros relacionais. A diplomacia na escolha de um motivo, muitas vezes, controla o diplomata. A escolha diplomática de motivos faz parte do esforço de motivar os atos de outros membros presentes na situação. Tais motivos pronunciados podem desfazer confusões e integrar uma situação social. Esta diplomacia não implica necessariamente em mentiras intencionais. Ela simplesmente indica que um vocabulário apropriado de motivos será utilizado - que existem condições para determinadas linhas de conduta<sup>8</sup>.

Quando um agente vocaliza ou imputa motivos, ele não está tentando *descrever* a sua experiência de ação social. Ele não está apenas afirmando ‘razões’. Ele está influenciando outros, e a si mesmo. Muitas vezes, ele está encontrando nova ‘razões’ que ajudem a mediar a ação. Assim, não precisamos tratar uma ação como discrepante de ‘sua’

---

<sup>8</sup>Certamente, desde que os motivos são comunicados, eles podem ser mentiras; mas, estes devem ser provados. As verbalizações não são mentiras apenas porque são socialmente eficazes. Eu estou aqui interessado mais com a função social dos motivos pronunciados, do que com a sinceridade daqueles que o pronunciam.

verbalização, pois, em muitos casos, a verbalização em si é um novo ato. Em tais casos, não há uma discrepância entre um ato e 'sua' verbalização, mas, uma diferença entre duas ações díspares, social e verbal (ZNIANIECKI, 1936, p. 30). Este (ou 'ex post facto') linguajar adicional pode envolver apelo a um vocabulário de motivos associado a uma norma com a qual os membros envolvidos com a situação estão de acordo. Como tal, ele é um fator de integração nas fases *futuras* da ação social original ou em outras ações. Os motivos são eficazes na resolução de conflitos. Muitas vezes, se 'razões' não forem dadas, uma ação não irá ocorrer, nem diversas ações seriam integradas. Os motivos são o fundamento comum para comportamentos mediados.

Perry (1926, p. 292-293) afirma sumariamente a visão freudiana de motivos,

como a visão de que os verdadeiros motivos de conduta são aqueles que temos vergonha de admitir, quer para nós mesmos ou para os outros.

Alguém pode cobrir os fatos apenas dizendo que escrúpulos (ou seja, vocabulários *morais* de motivo) são muitas vezes eficazes e que os homens irão alterar e dissuadir suas ações em termos de tais motivos. Um dos componentes de um 'outro generalizado', como um mecanismo de controle social, são os vocabulários de motivos aceitáveis. Por exemplo, um empresário se junta ao Rotary Club e proclama o seu vocabulário de espírito público (Ibid., p. 392). Se este homem não pode agir fora da conduta empresarial, sem improvisar, segue-se que este vocabulário dos motivos é um fator importante em seu comportamento<sup>9</sup>. A longa ação de um papel,

<sup>9</sup>A 'motivação para o lucro' da economia clássica pode ser tratada como um vocabulário ideal típico de motivos para as situações e comportamentos econômicos delimitados. Para as fases tardias do capitalismo monopolista e regula-

com seus motivos apropriados, muitas vezes, induzem um homem a se tornar o que a princípio ele apenas procurou demonstrar. Mudanças nos vocabulários de motivos, utilizados mais tarde por um indivíduo, revelam um aspecto importante das várias integrações de suas ações respectivamente com vários grupos.

Os motivos atualmente utilizados na justificativa ou na crítica de um ato, definitivamente o vincula a situações, integra a ação de um homem com outro, e alinha as condutas com as normas. Os motivos-substitutos socialmente sustentados de situações são, ao mesmo tempo, constrangimentos e incentivos. É uma hipótese digna e capaz de teste a de que os vocabulários típicos de motivos para diferentes situações são determinantes significativos de conduta. Como segmentos linguísticos de ação social, os motivos orientam as ações, permitindo um discernimento entre os seus objetos. Adjetivos tais como 'bom', 'agradável' e 'ruim' promovem a ação ou a detém. Quando constituem componentes de um vocabulário de motivos, ou seja, são acompanhamentos típicos e relativamente inquestionáveis de situações típicas, essas palavras, em virtude de serem julgamentos de outros antecipados pelo ator, muitas vezes funcionam como incentivos e diretrizes. Portanto, os motivos são

instrumentos sociais, ou seja, ferramenta que apontam qual o agente será capaz de influenciar [a si mesmo ou outras pessoas] (ZNIANIECKI, 1936, p. 73).

O 'controle' dos outros não é comumente direto, mas, sim, por meio da manipulação de um campo de objetos.

mentado, este tipo sofreu modificações; o lucro e os vocabulários comerciais adquiriram outros ingredientes. Ver Danielian (1940), para uma sugestiva consideração sobre o comportamento não econômico e as motivações dos burocratas empresariais.

Nós influenciemos um homem nomeando seus atos ou imputando motivos para eles, ou 'ele'. Os motivos que acompanham as instituições de guerra, por exemplo, não são 'as causas' da guerra, mas a promoção continuada da participação integrada, e que variam de uma guerra para a outra. Vocabulários de motivos em relação ao trabalho promovem carreiras que são tecidas através da mudança nas tramas institucionais.

Geneticamente, os motivos são imputados por outros antes de serem declarados pelo self. A mãe controla a criança: "Não faça isso, não seja insaciável". Não só a criança aprende o que fazer, e o que não fazer, mas são dados a ela motivos padronizados que promovem ações prescritas e dissuadem as proscritas. Junto com as regras e normas de ação para várias situações, aprendemos os vocabulários de motivos adequados a cada uma delas. Estes são os motivos que devemos usar, uma vez que eles fundamentam uma parte da nossa linguagem e são componentes do nosso comportamento.

A busca por 'motivos reais' supostamente colocados contra a 'mera racionalização' é frequentemente informada por uma visão metafísica de que os motivos 'reais' são, de alguma forma, biológicos. Tais indagações em busca de algo mais real e de retorno à racionalização são defendidas por muitos sociólogos que afirmam de que a linguagem é uma manifestação externa ou concomitante de algo anterior, mais genuíno e 'profundo' no indivíduo. 'Atitudes reais' versus 'mera verbalização' ou 'opinião' implicam em que, na melhor das hipóteses, é só inferir da sua linguagem o que 'realmente' seja atitude individual ou motivo.

Agora, o que *poderíamos possivelmente* inferir? O que exatamente é verbalização sintomática? Não podemos inferir processos fisiológicos de fenô-

menos linguísticos. Tudo o que podemos inferir e verificar empiricamente<sup>10</sup> são outras verbalizações do agente que acreditamos teve o seu comportamento orientado e controlado no momento em que o ato foi performado. Os únicos itens sociais que podem "ser encontrados mais profundamente" são outras formas linguísticas<sup>11</sup>. A 'atitude ou motivo real' não é algo diferente da verbalização ou 'opinião'. Elas acabam por ser apenas relativamente e temporalmente diferentes.

A expressão 'motivo inconsciente' também é lamentável. Tudo o que podemos dizer é que um motivo não é explicitamente vocalizado, mas não há necessidade de se inferir motivos inconscientes de tais situações e, em seguida, postulá-los nos indivíduos como elementos. A frase é informada pela persistência da noção desnecessária e sem fundamento de que "toda ação tem um motivo", e é promovida pela observação de lacunas, relativamente frequentes, na verbalização em situações cotidianas. Os fatos a que esta frase é supostamente endereçada são cobertos pelas declarações de que os homens nem sempre articulam motivos explicitamente, e que *todas* as ações não giram em torno da linguagem. Eu já indiquei as condições em que os motivos são tipicamente confessos e imputados.

Dentro da perspectiva em questão, o motivo verbalizado não é usado como um índice de algo no indivíduo, *mas como base de inferência de um vocabulário típico de motivos de uma ação situada*. Quando perguntamos pela 'atitude real' em vez da 'opinião', pelo

<sup>10</sup>Claro, podemos inferir ou interpretar construções postuladas no indivíduo, mas estas não são facilmente verificadas e elas não são explicativas.

<sup>11</sup>O que não quer dizer que, fisiologicamente, pode não haver câibras na parede do estômago ou adrenalina no sangue, etc., mas, o caráter da 'relação' de tais itens com a ação social é bastante discutível.

‘motivo real’ em vez da ‘racionalização’, tudo o que estamos perguntando, significativamente, é se a forma discurso controlador foi incipientemente ou abertamente apresentado no ato ou série de atos praticados. Não há nenhuma maneira de sondar por trás de verbalizações em um indivíduo e diretamente verificar o nosso motivo-instigador, mas há uma maneira empírica na qual podemos orientar e por limite, em situações históricas dadas, as investigações de motivos. Isto se faz pela construção de vocabulários típicos de motivos existentes em tipos de situações e ações específicas. A imputação de motivos pode ser controlada por referência à constelação normal dos motivos observados, os conectando com as classes de ações socialmente situadas. Alguns dos motivos ‘reais’ imputados a atores não foram sequer conhecidos por eles. A meu ver, os motivos são circunscritos pelo vocabulário do ator. A única fonte para uma terminologia dos motivos é o vocabulário de motivos efetivamente e normalmente verbalizados por atores em situações específicas.

Vocabulários individualistas, sexuais, hedonistas e pecuniários de motivos são, aparentemente, agora dominantes em muitos setores da América urbana do século XX. Sob tal *ethos*, a verbalização de condutas alternativas, nesses termos, possui menor probabilidade de ser contestada entre os grupos dominantes. Neste ambiente, as pessoas estão céticas de motivos religiosos declarados de Rockefeller para a sua conduta empresarial porque tais motivos não são *agora* termos do vocabulário convencional que acompanham as situações empresariais. Um monge medieval escreveu que ele deu comida para uma mulher pobre e bonita porque era "para a glória de Deus e a salvação eterna de sua alma". Por que tendemos a interrogá-lo e imputar motivos sexuais? Porque o sexo é um motivo influente e difundido em nosso tempo e sociedade.

Vocabulários religiosos de explicação e de motivos estão agora em declínio. Em uma sociedade na qual os motivos religiosos foram desmascarados em uma escala bastante ampla, certos pensadores são céticos daqueles que ubiquamente proclamá-los. Os motivos religiosos foram prescritos por partes selecionadas da população modernas e outros motivos tornaram-se ‘irrevogáveis’ e operativos. Contudo, a partir dos mosteiros da Europa medieval, não temos nenhuma evidência de que os vocabulários religiosos não eram operatórios em muitas situações.

Um líder trabalhista diz que realiza uma determinada ação porque ele quer obter melhores condições de vida para os trabalhadores. Um empresário diz que isto é uma racionalização, ou uma mentira; que o que ele quer, realmente, é tirar mais dinheiro dos trabalhadores para si próprio. Um radical diz a um professor da faculdade que ele não vai se envolver em movimentos radicais porque tem medo de perder o seu trabalho e, além disso, é um ‘reacionário’. O professor universitário, por sua vez, afirma que é porque ele só gosta de descobrir como as coisas funcionam. O que é a razão para um homem é racionalização para outro. A variável é o vocabulário de motivos aceito, o final do discurso, do grupo dominante de cada homem, sobre cuja opinião ele atenta. *A determinação de tais grupos, a sua localização e caráter, permitiriam a delimitação e o controle metodológico dos motivos designados para atos específicos.*

Uma maior atenção sobre essa idéia nos conduzirá a investigações sobre a compartimentalização de motivos operacionais em personalidades de acordo com a situação e os tipos e condições gerais de vocabulários de motivos em vários modelos de sociedades. As estruturas motivacionais dos indivíduos e os padrões de seus propósitos se encontram em relação aos quadros soci-

ais. Poderíamos, por exemplo, estudar os motivos ao longo de linhas estratificadas ou ocupacionais. Max Weber (*apud* MANNHEIM, 1940, p. 316-317) observou:

... Que em uma sociedade livre os motivos que induzem as pessoas a trabalhar variam através das... diferentes classes sociais... Existe normalmente uma escala graduada de motivos pelos quais os homens de diferentes classes sociais são levados a trabalhar. Quando um homem muda de fileiras, ele muda também de um conjunto de motivos para o outro.

Os vínculos linguísticos que os mantêm juntos reagem sobre as pessoas para constituir quadros de disposição e motivação. Recentemente, Talcott Parsons (1940, p. 67) indicou, por referência às diferenças entre as ações nas profissões e nos negócios, que não se pode pular da

análise econômica para motivações finais; os padrões institucionais constituem *sempre* um elemento crucial do problema.

É a minha sugestão para que possamos analisar, indexar e avaliar esse elemento, concentrando-se sobre aqueles apêndices verbais específicos de ações institucionalizadas variantes que têm sido referenciadas como vocabulários de motivos.

Nas sociedades simples, as constelações de motivos relacionados com diversos setores do comportamento tenderiam a ser tipicamente estáveis e a permanecerem associadas apenas com o seu setor. Nas sociedades tipicamente primárias, sagradas e rurais, os motivos das pessoas seriam regularmente compartimentados. Os vocabulários de motivos encomendados para diferentes situações estabilizam e guiam o comportamento e a expectativa das reações dos outros. Em suas situações apropriadas, os motivos verbalizados não são normalmente questionados. Em estrutu-

ras secundárias, seculares e urbanas, os vocabulários de motivos variados e concorrentes operam de maneira associada e as situações a que eles são apropriados não estão claramente demarcadas. Os motivos, uma vez inquestionáveis para situações definidas, agora são questionados. Vários motivos podem permitir atos semelhantes em uma dada situação. Assim, as pessoas em diversas situações se encontram confusas e com dificuldade de descobrir os motivos 'ativados' pelas outras pessoas. Tal questionamento resultou intelectualmente em movimentos, como a psicanálise, com o seu dogma de racionalização e sua sistemática de motivos-instigadores. Tais fenômenos intelectuais são postos em conflitantes divisões e seções de uma sociedade individualizada, que é caracterizada pela existência de vocabulários de motivo concorrentes. Intrincadas constelações de motivos, por exemplo, são componentes de empresas e negócios na América. Esses padrões têm invadido o velho vocabulário de estilo das relações virtuosas entre homens e mulheres: dever, amor, bondade. Entre certas classes, os motivos românticos, virtuosos, e pecuniários se encontram bastante confusos. A pergunta à questão: "Casamento por amor ou dinheiro" é significativa, pois o pecuniário é agora um motivo constante e quase onipresente, um denominador comum de muitos outros<sup>12</sup>.

Por trás de 'motivos mistos' e 'conflitos motivacionais', padrões situacionais e seus respectivos vocabulários de motivos estão competindo ou se mostram discrepantes. Com o deslocamento e situações intersticiais, cada

---

<sup>12</sup>Também os motivos aceitos, imputados e confessos por um sistema de ação, podem ser difundidos para outros domínios e, gradualmente, virem a ser aceitos por alguns como um retrato abrangente do motivo dos homens. Isso aconteceu, por exemplo, no caso do homem econômico e seus motivos.



uma das várias alternativas pode pertencer a diferentes sistemas de ação, as quais possuem vocabulários diferentes de motivos que lhes são próprios. Tais conflitos manifestos nos padrões de vocabulário se sobrepõem em um indivíduo marginal e não são facilmente compartimentados em situações bem definidas.

Além de prometer explicar uma área de fatos linguísticos e sociais, outra vantagem deste ponto de vista dos motivos é a de que, com ele, devemos ser capazes de dar conta de outras teorias sociológicas (terminologias) de motivação. Esta é uma tarefa para a sociologia do conhecimento. Aqui, eu posso me referir, apenas, a algumas teorias. Eu já me referi à terminologia freudiana dos motivos, é evidente que esses motivos são as de um grupo burguês patriarcal superior com forte orientação sexual e individualista. Quando em processos de introspecção nos sofás de Freud, os pacientes utilizam o único vocabulário dos motivos que conheciam; Freud tem o seu palpite e guia ainda mais a conversa. Mittenzwey (1924, p. 365-375) tem lidado demoradamente com pontos semelhantes. Amplamente difundida no pós-guerra, a psicanálise nunca foi popular na França, onde o controle do comportamento sexual não era puritano<sup>13</sup>. Para os indivíduos convertidos que se acostumaram com a terminologia psicanalítica dos motivos, todas as outras terminologias parecem autoenganaadoras<sup>14</sup>.

De modo semelhante, para muitos crentes na terminologia do poder, luta e motivos econômicos do marxismo, todas as demais terminologias, incluindo a de Freud, são debitados à

hipocrisia ou à ignorância. Um indivíduo que tenha assimilado completamente um único amontoado de motivos tentará aplicar esses motivos a todas as situações, inclusive em casa e com a esposa. Deve-se notar que toda terminologia de motivos tem sua articulação intelectual, assim como a psicanálise e marxismo.

É significativo que, desde o período socrático, muitas 'teorias da motivação' têm sido associadas com terminologias éticas e religiosas. O motivo é que leva o homem a perpetrar o bem ou o mal. Sob a égide de instituições religiosas, os homens usam vocabulários de motivos morais: eles os chamam de atos e programas 'bons' e 'ruins', e imputam essas qualidades à alma. Tal comportamento linguístico é parte do processo de controle social. Práticas institucionais e seus vocabulários de motivo exercem o controle sobre faixas delimitadas de situações possíveis. Poderíamos fazer um catálogo típico de motivos religiosos a partir dos textos religiosos lidos, e testar o seu poder explicativo em várias denominações e seitas<sup>15</sup>.

Em muitas situações da América contemporânea, a conduta é controlada e integrada pelo idioma *hedonista*<sup>16</sup>. Para grandes setores da população, em determinadas situações, o prazer e a dor são agora motivos inquestionáveis. Em determinados períodos e sociedades, estas situações deveriam ser determinadas empiricamente. O prazer e a dor não devem ser reificadas e imputadas à natureza humana como princípios subjacentes de toda a ação. Note-se que o

<sup>13</sup>Este fato tem sido interpretado por alguns como em apoio às teorias freudianas. No entanto, ele pode ser tão adequadamente apreendido no esquema aqui descrito.

<sup>14</sup>Ver a acurada discussão de Burke (1936, parte I) sobre Freud.

<sup>15</sup>Vocabulários morais merecem uma declaração especial. Dentro do ponto de vista aqui descrito muitos rosnados em matéria de "juízos de valor", etc., podem ser esclarecidos.

<sup>16</sup>O termo hedonismo vem do grego: *hedoné* significa *prazer*. De acordo com o hedonismo, tudo o que tem valor está reduzido ao prazer. O seu sentido filosófico é aplicado às teorias que buscam respostas para à questão: qual o princípio do bem-viver? [Nota do tradutor].

hedonismo como uma doutrina psicológica e ética ganhou impulso no mundo moderno mais ou menos na época em que os motivos ético-religiosos mais antigos estavam sendo desmascarados e simplesmente descartados por pensadores da 'classe média'. Por trás da terminologia hedonista se encontra um padrão social emergente e um novo vocabulário de motivos. A mudança de motivos incontestados que prendiam as comunidades europeias chegou ao clímax quando, na reconciliação, foram identificadas as terminologias de antigas religiões e hedonistas: o 'bom' é o 'agradável'. A situação condicionada foi similar no mundo helênico com o hedonismo dos cirenaicos<sup>17</sup> e epicuristas<sup>18</sup>.

É necessário mapear todas essas terminologias de motivo e localizá-las como vocabulários de motivação em cada época histórica e em situações específicas. Os motivos não têm nenhum valor para além das situações sociais delimitadas para os quais são vocabulários adequados. Eles devem ser situados. Na melhor das hipóteses, as terminologias socialmente não atribuídas de motivos representam tentativas inacabadas para bloquear áreas sociais da imputação de motivo e revelação. Os motivos variam em conteúdo e caráter em épocas históricas e estruturas sociais.

Ao invés de interpretar a linguagem como ações e manifestações exter-

nas de elementos subjetivos e mais profundos que se encontram nos indivíduos, a tarefa de pesquisa é a localização de determinados tipos de ação no âmbito dos quadros típicos de ações normativas e aglomerados de motivos situados socialmente. Não há nenhum valor explicativo em subsumir vários vocabulários de motivos sob qualquer terminologia ou lista. Tal procedimento apenas confunde a tarefa de explicar os casos específicos. As linguagens de situações como dadas devem ser consideradas como uma porção valiosa dos dados a serem interpretados e relacionados às suas condições. Por fim, simplificar os vocabulários de motivo por uma abstrata terminologia social é destruir o uso legítimo dos motivos na explicação das ações sociais.

### Referências

BURKE, Kenneth. *Permanence and change: an anatomy of purpose*. Nova York: New Republic, 1936.

DANIELIAN, N. R.. *A.T. & T.: The Story of Industrial Conquest*. New York: Radiobroadcasting Research Project, 1940.

DeLAGUNA, G.A. *Speech: its function and development*. New Haven: Yale University Press, 1927.

DEWEY, John. All psychology is either biological and social psychology. *Psychological Review*, n. 24, p. 266-277, 1917.

DEWEY, John. Theory of valuation. In: Otto Neurath ed. *International encyclopedia of unified science*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

MacIVER, Robert Morrison. The imputation of motives. *American journal of sociology*, v. XLVI, p. 1-12, 1940a.

MacIVER, Robert Morrison. The mode of the question why. *Journal of social philosophy*, v. V, p. 197-205, 1940.

<sup>17</sup>A Escola Cirenaica de Filosofia é assim denominada por ter sido fundada cidade de Cirene. A escola floresceu entre os anos 400 e 300 a.C., e tinha como sua principal característica distintiva o hedonismo, isto é, a doutrina de que o prazer é o bem supremo. [Nota do tradutor].

<sup>18</sup>Os epicuristas se dedicavam à idéia do prazer sensual, na busca da paz espiritual. O termo epicurismo tem a sua origem no nome do filósofo Epicuro, que viveu entre os anos de 341 a 270 a.C.. Apesar dos epicuristas estarem mais interessados no prazer da alma, os prazeres físicos eram vistos de forma favorável, pois libertavam a alma de ser afligida pela negação. [Nota do tradutor].

MANNHEIM, Karl. *Man and society in an age of reconstruction*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1940.

MEAD, George H. Social psychology as counterpart of physiological psychology. *Psychological Bulletin*, VI, p. 401-408, 1909.

MITTENZWEY, Kuno. Zur Sociologie der psychoanalytischer Erkenntnis. In: Max Scheler (ed) *Versuche su einer Sociologie des Wissens*. Munich-Leipzig, Duncker & Humblot, p. 365-375, 1924.

PARSONS, Talcott. The motivation of economic activities. In: C. W. M. Hart (ed). *Essays in sociology*. Toronto: University of Toronto Press, 1940.

PERRY, Ralph Barton. *General theory of value*. New York: Longmans, Green & Co., 1926.

REXROAD, C. N. Verbalization in multiple choice reactions. *Psychological review*, v. 33, n. 6, p. 451-458, 1926.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: Mohr, 1922.

WIESE, Leopold Von; Howard Becker. *Systematic sociology*. New York: J. Wiley & Sons. London: Chapman and Hall, 1932.

WILLIAMS, J. M. *The foundation of social science*. New York: Knopf, 1936.

WRIGHT MILLS, Charles. Bibliographical appendices. Section I, 4: Sociology of language. In: *Contemporary social theory*. New York, Ed. Barnes, Becker & Becker, 1940.

ZNANIECKI, Florian. *Social Actions*. New York: Farrar & Rinehart Inc., 1936.

### Situated actions and vocabulaires of motives

**Abstract:** The purpose of this article is to outline an analytical model for the explanation of motives, based on a sociological theory of language and a psychological sociology. **Keywords:** sociological analysis, motives, language, social behavior

